

TRECHO DA MATÉRIA DO JORNALISTA ARLINDO SILVA, PUBLICADO NA REVISTA “O CRUZEIRO” DO DIA 27 DE SETEMBRO DE 1958, REFERENTE AO TRABALHO DOS PERITOS CRIMINAIS, NO CASO “AÍDA CURTI”.

O detalhe do raspão da sandália da jovem na fachada do edifício forneceu a base para a convicção de que ela não se havia atirado, pois se tal tivesse acontecido não poderia deixar na parede as marcas de calçado. Para confirmar, com elementos matemáticos, que a jovem havia sido lançada pelos criminosos, o Perito Luiz Carlos Macedo Soares efetuou cálculos meticulosos nos quais empregou as medidas dos pilotis (3,58 metros); a altura dos doze pavimentos (2,98 cada um); a espessura das treze lajes (0,15 em cada uma), e a altura do parapeito do terraço (1,06 metros). Verificou, assim, que Aída caiu de uma altura de 42,35 metros. Aplicando leis de Física e de Dinâmica Técnica, o Perito Macedo Soares, através de equações complexas concluiu, matematicamente que Aída, ao cair, não sofreu nenhum impulso horizontal, pois a trajetória parabólica da queda situou-se em plano vertical, rasteando ao edifício. O corpo da jovem caiu tão junto ao prédio que o Coronel Castro Neves, morador do edifício, e que no momento assistia a um programa de televisão, sentiu a vibração dos vidros das janelas em consequência do deslocamento de ar, pela queda. Baseando-se nos índices de aceleração da gravidade (que, para o Rio de Janeiro, é de 979 centímetros por segundo ao quadrado), o perito-matemático concluiu que o corpo de Aída gastou no percurso da queda 2,9 segundos. Pela lei da independência, da coexistência e da composição dos movimentos (lei de Galileu), o corpo inerte de Aída atingiu o solo com uma velocidade de 102 quilômetros, 207 metros e 60 centímetros por hora. O esforço dos matadores da jovem para colocá-la sobre o parapeito e depois empurrá-la para baixo foi grande. Prova disso são alguns sinais de arrancamento recente de reboco das quinas do parapeito. O livro de corografia e a bolsa foram lançadas após o corpo, tendo os criminosos o cuidado de observar o local em que estava o cadáver, para que aqueles objetos também caíssem junto da jovem.

30 minutos de martírio

O relógio de pulso de Aída parou exatamente às 20,56 horas, em consequência da quebra do pivô do eixo de balanço. Partindo dessa hora para trás, os Peritos Antônio Carlos Villanova, Casemiro dos Santos, Murilo Vieira Sampaio, Joaquim Gusmão e

Serafim Pimentel subiram e desceram dezenas de vezes pelo elevador e pelas escadas do edifício, cronometrando o tempo desses movimentos. Atendendo ao que declarara o jovem Luiz Beethoven e as moças que o acompanhavam, Suely e Ivani, às 20h20 Ronaldo Guilherme estava com Aída andando pela Rua Miguel Lemos. Pelos cálculos cronométricos dos peritos, foi às 20h25 que Aída foi levada para o alto do edifício. E lá, durante 30 minutos foi submetida às cruéis violências e espancamentos. O depoimento de Luiz Beethoven e das jovens Suely e Ivani encaixa-se perfeitamente dentro dos cálculos cronométricos dos peritos. Beethoven, Suely e Ivani deixaram os estúdios da TV Rio às 20 horas, ao término do programa “Circo do Arrelia”. Caminharam pela Avenida Atlântica em marcha normal de passeio. Ao atingirem a Rua Miguel Lemos, Beethoven perguntou a um cavalheiro que passava que horas eram. A resposta foi: 20h20. Em seguida, Beethoven viu Ronaldo em companhia de Aída. A cronometragem feita pelos peritos do tempo da caminhada pela Avenida Atlântica, a partir da TV Rio coincidiu perfeitamente com a hora declarada por Beethoven. Essa consonância de detalhes pôs por terra as declarações evasivas de Cássio, Ronaldo e do porteiro, que pretendiam fazer crer terem subido para o terraço cerca das 20 horas. Com isso queriam dilatar o espaço de tempo para que houvesse margem para que um subisse primeiro, outro descesse, e o terceiro se postasse sobre a caixa-d’água para presenciar as cenas. Medindo o tempo de cada subida e descida os peritos chegaram à conclusão (e levando em conta o que os próprios criminosos declararam) de que, em dado momento, todos os três se encontravam com Aída no terraço. E é por isso que a Polícia Técnica conclui que todos os três participaram do massacre.
